

## Em torno de *Portugal Futurista*

1. Portugal nasceu sob o signo da Cruz e do Futuro: Ourique ungiu D. Afonso Henriques como paladino do Cristianismo - *In Hoc Signo Vincetis!*
2. D. Dinis, a Rainha Santa Isabel e os Franciscanos “espirituais” de Alenquer fundam, no Portugal medieval, o culto do Império do Espírito Santo (dentro do Império das Três Idades, teorizado por Joaquim de Flora) ou do Paráclito, como espírito da Verdade, da Liberdade e do Amor. De novo o sentido do futuro, dum império a vir, fundado na “metafísica do desconhecido”, como lhe chamou Agostinho da Silva, a partir de Fernando Pessoa.
3. D. João II é também possuído pelo Futuro, quando projecta em geometria do espaço o meridiano de Tordesilhas; quando manda as suas naus buscar o Preste João das Índias.
4. D. Manuel I vê nos “Fumos da Índia” a neblina que encobria o Futuro de um reino maior do que o seu. Afonso de Albuquerque, o almirante dessas Índias, viu em Ormuz a porta de entrada desse Futuro que a Descoberta do Brasil e a chegada a Macau e ao Japão mais acicatou, mas que a fraqueza de D. João III e a sua submissão aos ditames da mulher, Catarina de Áustria, irmã mais nova do imperador Carlos V, fez bruscamente interromper com a introdução da Inquisição em Portugal, em 1536.
5. O neto de D. João III, o moço rei D. Sebastião, também ele fadado ao Futuro dum império que era então quase do tamanho do mundo, ao desaparecer em Alcácer-Quibir, alimentou as proféticas Trovas de Bandarra, sapateiro de Trancoso, fonte poética do sebastianismo que Pessoa interpretou melhor do que ninguém, indo além de *O Desejado*, de António Nobre, e de *O Encoberto*, de Sampaio Bruno.
6. Suspendido o Futuro pela Inquisição, entrado o país na decadência económica e na frustração moral e desesperança, urgia lutar contra essa mornaça e despertar, de novo, a ânsia das distâncias: esse papel coube aos Jesuítas e dentre estes ao nosso P.e António Vieira, o autor de uma *História do Futuro* e o pregador do Quinto Império, um império que Fernando Pessoa veria realizado na Língua, como espaço de comunhão cultural e de espiritualidade de todos os que a falavam ou poderiam vir a falar.

7. Ferido o Passado pelo *Ultimatum* britânico de 1890, eis que se levantam vozes a resgatar a dignidade enxovalhada, vozes ora nacionalistas ora regeneracionistas, que Eça ecoou pela *Ilustre Casa de Ramires* ou por *A Cidade e as Serras*; que Oliveira Martins dobrou em *Os Filhos de D. João I*; a que Teófilo Braga deu curso em *A Pátria Portuguesa*; mas que foram tonitruantes em *Finis Patriae*, de Junqueiro, repercutindo-se da mesma forma pela *Pátria* e por *Os Simples* do mesmo autor.
8. É óbvio que o *Ultimatum* de Pessoa-Álvaro de Campos e o *Ultimatum Futurista às Gerações Portuguesas do século XX*, de Almada-Negreiros, ainda são frutos do *Ultimatum* inglês, como o tinha sido também a associação da Renascença Portuguesa, enviando dos altos do Marão um a *Águia* em voo do Passado à busca do Futuro.
9. O mito do Quinto Império, como escrevia Raúl Leal a Marinetti, em 1921, seria “essencializado por Deus em nós, Portugueses, que assim realizaremos o Sonho Sebastianista, o Sonho Paracletiano do Terceiro Reino Divino”. Baseado no Ignoto de Deus, no Espírito Santo, esse sonho permitiria envolver no esoterismo toda a sentença de Futuro, agora olhado pelos nossos primeiros *modernistas*, grávidos do *saudosismo* de Pascoais, como uma nova era construída sem os lugares comuns do romantismo exacerbado, porque contrários ao desvario e ao sonho da liberdade/libertinagem das palavras e dos sons sem fios, como caracterizou Mário de Sá-Carneiro a estética futurista, em seu poema *Apoteose*.
10. Mexer no Passado apenas e só para extrair dele a inquietação do Futuro, passando por cima dum presente evanescente, fugaz e indeterminado, eis o programa de uma nova civilização literária, baseada na ciência, na geometria, na indústria, no comércio, na máquina, no ruído e na velocidade, como proclamava Marinetti, a partir da Itália, no seu Manifesto, de 1909, numa iconoclastia verbal inusitada e pungente e arrasadora de bibliotecas e de museus, símbolos por excelência duma identidade europeia. Destruir também cidades históricas, em que o passado tivesse paralisado o tempo, para no lugar delas fazer reconstruir outras sem a simetria e a isonomia das formas, antes venerando a desfiguração, a terceira dimensão do *cubismo*.
11. É a proclamação do que o americano Aldous Huxley haveria de chamar “Brave New World”, evidentemente levado aos limites da imaginação, mas sempre sem a furibunda iconoclastia dos manifestos futuristas de Marinetti e dos pintores futuristas italianos, Boccioni, Carrà, Russolo, Balla e Severini, entre nós emulados

por Santa-Rita Pintor e sobretudo por Amadeu de Sousa Cardoso, antes de Almada-Negreiros escrever com tintas a história da pintura portuguesa do Futuro.

12. O encantamento de Almada por Santa-Rita Pintor, com quem descobriu Marinetti, manifesta-o na conferência futurista do Teatro da República, em 14 de Abril de 1917, já depois de ter entrado, ainda que larvarmente, no futurismo no poema *A Cena do Ódio*, poema que com a *Ode Triunfal*, a *Ode Marítima* e a *Saudação a Walt Whitman*, de Álvaro de Campos, e com o poema *Manucure*, de Sá-Carneiro constitui, no dizer de João Alves das Neves, o pré-futurismo, em Portugal.
13. Em Novembro de 1917, seria, então, publicado o 1º e único número da revista **Portugal Futurista** que, embora exibisse como seu director-fundador o advogado, Carlos Filipe Porfírio, e como editor um obscuro S. Ferreira, aluno das Belas-Artes, a verdade é que nela tiveram influência decisiva Santa-Rita Pintor e Almada-Negreiros.
14. A revista é apreendida, logo no primeiro número, porque estremeceu violentamente com a mornez literária e artística de Lisboa, apesar dos abalos antes causados pelas Conferências do Casino, que também incomodaram os bonzos da literatura finisseculares, e do incómodo causado, primeiro, pela revista **Orpheu** (1915), seguida de **O Exílio** (1916), onde já se anunciava uma nova escrita poética e artística, estranhamente diferente, onde a força, a *energeia* da poiética grega, era a sustentação do belo.
15. Não teve vida que se visse, mas a revista **Portugal Futurista** agitou muitíssimo as águas quase paradas da vida cultural portuguesa, rasgando olhares sobre os outros e, em especial, sobre a Europa que, ao tempo, vivia a I Guerra Mundial, cuja mortandade haveria de mudar os paradigmas éticos e estéticos do continente que, mal ela terminou, descobriu maravilhada os novos sons do Jazz, no saxofone e na voz distintiva de Louis Armstrong.
16. É esta nova música que inspira a António Ferro, um dos mais novos corifeus do nosso primeiro modernismo, o seu manifesto “Nós e a Idade de Jazz-Band”, um texto essencial, para se compreender melhor a revolução cultural e literária que os ventos da Europa, especialmente de Paris, fizeram acontecer em Portugal, pesem as resistências enormes que teve da parte dos Castilhos e dos Dantas, absolutamente contrários ao sensacionismo, a forma portuguesa e pessoana de se chamar melhor ao futurismo.

17. Sobre o sensacionismo, estética-ideia-síntese do futurismo a vir, disse Fernando Pessoa, ao seu jeito, que *"ver, ouvir, cheirar, gostar, palpar - são os únicos mandamentos da lei de Deus. Os sentidos são divinos porque são a nossa relação com o Universo, e a nossa relação com o Universo Deus."* Pessoa acrescentava, logo a seguir, que o movimento sensacionista português *"tem três poetas e tem um precursor inconsciente. Esboçou-o levemente, sem querer, Cesário Verde. Fundou-o Alberto Caeiro, o mestre glorioso. Tornou-o, logicamente, neoclássico, o Dr. Ricardo Reis. Modernizou-o, paroxizou-o a verdade, descrendo-o, desvirtuando-o, o estranho e intenso poeta que é Álvaro de Campos."*
18. Pessoa apreciou certamente o juízo de Sá-Carneiro sobre a *Ode Triunfal* que considerava *"a obra prima do futurismo"*, mas sabia bem que a ânsia da Europa e do Futuro, que a *geração de Orpheu* protagonizava, só poderia ser saciada, se não perdesse de vista que, segundo ele, *"houve no século XIX, em Portugal, três poetas, e três somente, a quem legitimamente compete a designação de mestres, Antero de Quental, Cesário Verde e Camilo Pessanha. Antero de Quental é o fundador da poesia metafísica; Cesário Verde, o da poesia objectiva; Camilo Pessanha, o da poesia do vago e do impressivo."*
19. Será, portanto, nesse século XIX e com esses poetas, que novas formas de predizer o Futuro se dizem, no presente, como pessoasas *Ficções de Interlúdio*, interseccionando-se no panteísmo neopagão as palavras despidas do seu passado religioso ou histórico, para nuamente, livremente, excessivamente buscarem novas formas de sentir com a imaginação e não, com o coração, e muito menos com a razão.
20. O Portugal Futurista e a sua apologia dos limites morais, éticos e estéticos não se compreenderá sem o **Orpheu**, sem a **Águia** e sem a metafísica poética de Antero, sem o parnasianismo de Cesário e sem o simbolismo de Camilo Pessanha, porque o futuro será sempre o presente do passado.

Porto, Biblioteca Almeida Garrett, 07.02.2017

Salvato Trigo